

ISSN 2179-6890

**AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E
SOCIOECONÔMICAS DE FONTANA FREDA, JAGUARI, RS¹**

*THE SPACIAL AND SOCIO-ECONOMIC CHANGES OF
FONTANA FREDA VILLGE, JAGUARI, RS*

Adriane Maria Limana Guerra² e Valdemar Valente³

RESUMO

Neste trabalho, objetivou-se analisar as transformações espaciais e socioeconômicas da localidade de Fontana Freda, município de Jaguari, RS; verificar a origem da população; identificar as principais atividades econômicas; constatar o local de comercialização da produção; avaliar a percepção ambiental dos moradores locais, bem como suas condições socioeconômicas. Para o desenvolvimento do trabalho, realizou-se, em um primeiro momento, pesquisa teórica que envolveu diversas questões conceituais, a fim de promover um melhor entendimento das transformações do local. Em um segundo momento, ocorreu coleta de dados, obtidos por meio de um trabalho de campo, aplicado sob a forma de entrevista (questionários) a oitenta moradores da localidade. As informações obtidas foram tratadas estatisticamente e os dados analisados e interpretados, o que permitiu a obtenção de um quadro geral das transformações espaciais e socioeconômicas da localidade, podendo-se avaliar as perspectivas de desenvolvimento e as tendências da área rural. A análise desenvolvida no trabalho permitiu comprovar que o meio rural modernizou-se tecnologicamente, ocorrendo, assim, um aumento de produção, pois a diversidade se retraiu e a produção focalizou-se em poucos produtos, nesse caso específico, principalmente, no fumo e na cana-de-açúcar. Observou-se, também, que os produtores fizeram uso intensivo de insumos de origem industrial, provocando alterações no meio ambiente.

Palavras-chave: organização espacial, produção agrícola, percepção.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Geografia - UNIFRA.

³ Orientador - UNIFRA.

ABSTRACT

The central aim of the study is to analyze the spatial and socio-economic transformation of Fontana Freda village, Jaguari - RS; to investigate its people origin; to identify the main economic activities; to verify where the local production is traded; to evaluate local the inhabitants' perceptions towards the environment, as well as their socio-economic conditions. To reach this goal, a previous theoretical research for conceptual questions was needed, in order to better understand transformations through adequate concepts. Field data collection was the next step; in January 2004, questionnaires were administered to 80 local inhabitants, representing approximately 80% of the Fontana Freda population. Eventually, surveyed data were statistically treated, analyzed and interpreted, including graphics, what made possible an overview of the spatial and socio-economic transformation of the village and allowed to evaluate some development perspectives and trends related to this rural zone. The study proves that modern technology has reached rural areas, leading to a production growth, for the diversity was reduced and production was focused in a few products, in that case, tobacco and sugar cane. Production growth was a result of intensive use of industrialized agricultural input, what caused changes in the natural environment, provoking alterations in the environment.

Keywords: *spatial organization, agricultural production, perception.*

INTRODUÇÃO

Segundo Souza (1997), em uma sociedade, a organização espacial é a expressão da produção material do homem, resultado do seu trabalho social que reflete as características do grupo em que está inserido.

A partir desse ponto de vista e com base em levantamento teórico a respeito do tema, permitiu-se o desenvolvimento desse trabalho cujo objetivo foi investigar a realidade social tal como se apresenta, na localidade de Fontana Freda, no município de Jaguari, Estado do Rio Grande do Sul, a fim de contribuir para essa comunidade, pois, com toda a riqueza étnica e cultural que apresenta, não dispõe de registros ou estudos sobre suas próprias transformações espaciais e socioeconômicas.

Para tanto, averiguaram-se as características da organização espacial da área de pesquisa, sujeita, porém, às limitações da bibliografia existente. Considerando-se

a relevância de tal pesquisa científica e apoiando-se nas afirmações dos autores consultados, com o presente trabalho interpretou-se e compreendeu-se as condições espaciais e socioeconômicas da localidade de Fontana Freda, por meio da aplicação de questionários, pesquisa bibliográfica e compreensão histórica sobre o tema.

A escolha do local ocorreu devido ao fato de ser uma das localidades ocupadas pela imigração italiana, cujos imigrantes e seus descendentes ajudaram a desbravar a localidade, bem como visa-se a contribuir para a ciência geográfica com um estudo local.

HISTÓRICO DE JAGUARI

O município de Jaguari, localizado na Região Central do Estado do Rio Grande do Sul, teve como primeiros habitantes os índios Guaranis, que nele ficaram sediados até o século XVIII. O nome Jaguari tem origem na língua Guarani, “Jaguar-hy” que significa “Rio do Jaguar”.

A colonização começou em 1888, em setembro daquele ano, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos e, em 1889, foi fundado o Núcleo Colonial de Jaguari. O objetivo de colonizar Jaguari era expandir a área de assentamento da quarta colônia de imigração italiana, cuja sede distava 140 km, do atual município de Silveira Martins, em que um grande número de imigrantes italianos aguardava seus lotes de terra. Conforme Marchiori (1999), as primeiras concessões de lotes agrícolas aconteceram a 14 de setembro de 1888, sendo essa data considerada o marco fundacional da Colônia de Jaguari. Cabe ressaltar que os lotes não eram distribuídos gratuitamente, as famílias assumiam o débito para seu pagamento, que seria honrado com o fruto do trabalho.

As levas de imigrantes chegaram até 29 de agosto de 1906, sendo, posteriormente, extinta a Colônia e seus núcleos integrados aos municípios vizinhos de São Vicente do Sul, Santiago e São Francisco de Assis. Em 16 de agosto de 1920, ocorreu a emancipação política do município de Jaguari, instituída pelo Decreto Estadual nº 2627. Estima-se que, na época da emancipação, o município contava com cerca de vinte mil habitantes, sendo mais de 70% de origem italiana.

REVISÃO DE LITERATURA

Nos dias atuais, o espaço modifica-se constantemente, principalmente pela evolução científica e tecnológica. Conforme Santos (1985, p. 37), o período

contemporâneo coincide com o desenvolvimento tecnológico e, com isso, é possível aplicá-lo ao processo produtivo, “nesse período, a natureza se torna passível de utilização direta ou indireta, ativa ou passiva”. Esse momento caracteriza-se pela mundialização do capital, uma vez que dentro de cada país há disposição para a especialização nas áreas produtivas, pois a produção agrícola e a agropecuária dependem do conhecimento técnico-científico. Esse movimento de produção e circulação leva os capitais fixos a ganharem uma importância bem maior do que antes, ocorrendo um aumento paralelo entre os “fixos” e os “fluxos”.

Para Carlos e Lencione (1980, p. 299),

o espaço geográfico capitalista produzido pelo trabalho social, é um espaço apropriado, na medida em que o trabalho que o produz é um trabalho alienado. A força de trabalho que realiza o processo de produção é uma mercadoria alheia ao trabalhador, e pertencente ao capitalista e portanto subordinada a seus desejos, necessidades e objetivos.

Ao mesmo tempo que o espaço geográfico tende a se igualar, encontra-se também fragmentado, pois cada lugar tem sua identidade própria, possui diferenças de paisagens, costumes e tempo. Essas diferenças devem-se, principalmente, às desigualdades sociais, as quais aparecem, com clareza, na organização do espaço, sendo que o processo de valorização desse, é dado pelo seu papel no processo de produção capitalista.

Santos (1988) considera o espaço como um conjunto de objetos geográficos, naturais, sociais e uma soma dos resultados da ação humana sobre a terra, pois, em cada momento da vida, o homem cria uma estrutura material a fim de produzir e contribuir para que o espaço seja transformado.

O espaço reproduz a totalidade social, à medida que as transformações que ali ocorrem são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. O espaço reproduz-se em virtude dos modos de produção em que está inserido, influenciando também as estruturas existentes.

O cotidiano espacial renova-se pela ação humana, pois o mesmo é capaz de revelar, concomitantemente com o presente, o que ocorreu no passado e projetar as transformações futuras. O espaço impõe sua própria realidade e a sociedade não pode agir fora dele. Santos (1985) define que, para o estudo do espaço, é necessária a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, que são elementos importantes para a compreensão da produção do espaço.

O espaço evolui permanentemente, pois está em constante construção ou reconstrução, ou seja, sempre que a sociedade sofre uma mudança, as formas assumem novas funções, a partir daí, a produção e os períodos históricos transformam a organização espacial, conforme Valente (2001).

Santos (1985, p. 13) afirma que

as noções de estrutura, processo, função e forma, essas velhas categorias analíticas devem ser retalhadas para que neste particular possam prestar novos serviços à compreensão do espaço humano e à constituição adequada de sua respectiva ciência.

A forma é o aspecto visível de um objeto e o arranjo desse passa a constituir um padrão espacial, já a função seria o papel desempenhado pelo objeto criado, estando os dois elementos associados no estudo da organização espacial.

O processo de modernização da agricultura que ocorreu no Rio Grande do Sul, a partir de 1960, caracterizou-se por vários indicadores, os quais denotaram a forma de utilização da terra, da tecnologia e da força de trabalho. Esses fatores acarretaram transformações significativas no meio rural à medida que afetaram, direta e indiretamente, os meios de produção e, conseqüentemente, as formas de exploração agrícola, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística - FEE (1978).

Quando se aborda a modernização da agricultura, pensa-se apenas nas modificações ocorridas na base técnica da produção, na substituição das técnicas, tradicionalmente mais usadas, por outras mais “modernas”. Entretanto, conforme Graziano Neto (1982, p. 26),

a modernização significa muito mais que isso. Ao mesmo tempo em que vai ocorrendo aquele progresso técnico na agricultura, vai-se modificando também a organização da produção, que diz respeito às relações sociais e não técnicas de produção. A composição e a utilização do trabalho modificam-se, intensificando-se uso do ‘boia fria’ ou trabalhador volante, a forma de pagamento da mão de obra é cada vez mais assalariada, os pequenos produtores, sejam proprietários, parceiros ou posseiros vão sendo expropriados, dando lugar, em certas regiões, à organização da produção em moldes empresariais, a chamada modernização da agricultura não é outra coisa que o processo de transformação capitalista

da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia recente.

Além disso, na organização agrária moderna, o agricultor não mais produz os itens necessários a sua subsistência, pois os custos tornaram-se cada vez mais elevados devido à aquisição de insumos de origem industrial, conforme Graziano da Silva (1982).

Sobre essa questão, Tambara (1983, p. 77) também afirma que

a pequena propriedade acaba por abandonar a lavoura de subsistência. Assim é relativamente comum ver-se agricultores em supermercados e armazéns no interior comprando batata inglesa, feijão, farinha de milho, etc., produtos que antigamente eram produzidos por ele.

Ainda, de acordo com o autor, foram beneficiados os Estados de centro-sul, particularmente São Paulo. Dentro de cada estado, atingiu, os médios e grandes produtores. A modernização da agricultura desenvolveu-se no capitalismo, entretanto, a partir disso, ampliaram-se as desigualdades sociais, advindas do excesso de poder de uma pequena parcela da sociedade que, não se preocupa com a coletividade.

Foi no final da fase de expansão do ciclo da indústria brasileira que se instalaram no Brasil as principais agroindústrias. Por meio da mecanização, algumas limitações impostas pela natureza foram superadas. O homem, com a utilização de técnicas modernas, como a irrigação, drenagem, máquinas e fertilizantes, foi consolidando o processo de “modernização” da agricultura no conjunto do desenvolvimento capitalista do pós-guerra. Assim, a agricultura passou a constituir-se, cada vez mais, num mercado não de bens de consumo, mas de meios industriais de produção, comprando insumos e, em contrapartida, vendendo seus produtos.

A capitalização do campo e a introdução de moderna tecnologia na produção agrícola foi um processo que se verificou historicamente em relação aos outros setores da economia.

Conforme De David (1995), o processo de organização espacial do Rio Grande do Sul apresentou, na sua evolução, duas fases. A primeira, referiu-se à organização do espaço realizado por meio de políticas de ocupação do território, a fim de garantir a sua posse. O processo econômico possuía uma situação tributária, legitimando os interesses políticos do Estado. Nessa fase, as formas

de produção do espaço estavam representadas pela pecuária extensiva e pela agropecuária colonial. A segunda fase, emergência da lavoura empresarial, nas primeiras décadas do século XX, a partir do avanço das relações produtivas capitalistas no campo e representada, inicialmente, pelo arroz, expandiu-se com o trigo e consolidou-se com a soja. Com a lavoura empresarial, transformaram-se as relações produtivas no espaço, articularam-se formas de produção e coexistiram, em um mesmo espaço geográfico, atividades tradicionais e modernas.

A necessidade de aumentar a produção por meio de uma agricultura moderna, mas muitas vezes pouco adaptada ao meio ambiente, acarretou uma crescente pressão sobre os recursos naturais, chegando a afetar sua própria disponibilidade, como é o caso dos solos, com a desertificação, com a eliminação da microvida e a perda da estabilidade física, “alterando profundamente as condições de reprodução das plantas”, conforme Graziano Neto (1982, p. 96-97).

No esforço de aumentar a produção e a produtividade agrícola, técnicas endógenas utilizadas há muitos anos pelos camponeses foram substituídas por técnicas alienígenas, desenvolvidas nos países de primeiro mundo. Entre outras, está a monocultura que, por sua vez, é mais vulnerável ao ataque das pragas e doenças e menos competitiva com as ervas invasoras, necessitando de aplicações frequentes de agrotóxicos para garantir a produção. As transformações causadas pela modernização da agricultura acarretaram consequências profundas no espaço agrário e, de modo particular, na organização da terra tanto no Estado, como na área específica de estudo, na localidade de Fontana Freda, Jaguari.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados a seguir foram obtidos, primeiramente, por meio de uma pesquisa teórica. Após, foi realizada uma coleta de dados obtida por meio de entrevistas com oitenta moradores da localidade, cujas questões abordaram aspectos de natureza social, econômica, espacial, ambiental e étnica, atingindo 80% da população de Fontana Freda, em Jaguari, RS, durante o mês de janeiro de 2004.

Com relação à formação étnica, constatou-se que 92% das famílias são de origem italiana, 5% de descendência polonesa e 3% possuem outras origens. Quanto ao tempo que os moradores residem na localidade, a pesquisa mostrou que 69% dos entrevistados moram há mais de trinta e um anos na localidade e ainda residem em áreas que foram adquiridas por seus familiares antecedentes na época da colonização. Também, foi constatado que, em relação à propriedade, 89% são próprias de moradores que residem e produzem no local, utilizando mão de obra familiar.

No que se refere à estrutura fundiária, Fontana Freda caracteriza-se por uma área de pequenas propriedades rurais, na qual 52% dos entrevistados possuem até 10 hectares e 35% das propriedades estão entre 11 e 50 hectares. Ao mesmo tempo, verificou-se a inexistência de propriedades acima de 200 hectares. Levando-se em conta a extensão da propriedade, pôde-se perceber que a estrutura de uso da terra pouco se modificou desde o início da colonização, ou, até mesmo, notou-se um fracionamento das áreas de terra desde aquela época, fato ocasionado pelos desmembramentos ocorridos pelas sucessões familiares.

Na principal atividade desenvolvida, a agricultura, verificou-se o emprego da mecanização em 51% dos entrevistados, no restante, a força animal ou o trabalho manual no cultivo de pequenas lavouras e hortas. Notou-se, também, que 54% dos moradores não recebem assistência técnica especializada para sua produção e 43% são assistidos eventualmente. Estes, na maioria dos casos, por instrutores do cultivo do fumo (representantes das indústrias fumageiras da região de Santa Cruz do Sul).

A principal atividade econômica na localidade é o cultivo do fumo, constatado em 34% dos entrevistados. Há vários fatores que contribuíram para que os agricultores optassem por essa cultura, entre eles a lucratividade alcançada, levando-se em consideração a relação com a área plantada e a garantia de comercialização. Outro produto que tem presença significativa é a cana-de-açúcar, constatada em 29% das propriedades. É utilizada para a produção de cachaça, vendida em grande escala no município de Jaguari e em outros municípios da região. Ao mesmo tempo, 47% dedicam-se a outras atividades, como o cultivo da soja, do milho e às atividades ligadas à pecuária.

Quanto à comercialização, constatou-se que 42% dos entrevistados vendem sua produção para outros municípios, isto é evidenciado nas culturas de fumo e de cana-de-açúcar (cachaça). O fumo é vendido para as indústrias de Santa Cruz do Sul e a cachaça para municípios vizinhos. 33% dos produtos são comercializados na própria propriedade e 25% no município sede (Jaguari), principalmente na Cooperativa, onde os produtores entregam a produção. No tocante à renda familiar, constatou-se que 55% dos moradores possuem renda mensal até dois salários-mínimos; 40% recebem entre dois e cinco salários; 4% ficam na faixa de cinco a dez salários e somente 1% ganha mais de dez salários-mínimos. Como se pôde observar, a renda mensal dos moradores da Fontana Freda é baixa, porém poderia ser melhorada se houvesse uma política mais justa e equilibrada para o pequeno produtor. Quanto à melhoria na situação socioeconômica, verificou-se que a aposentadoria da mulher rural muito contribuiu para a melhoria das condições econômicas das famílias.

Em relação aos problemas ambientais, 80% dos entrevistados referiram-se ao uso de fertilizantes e pesticidas como um dos maiores problemas. Isso se comprova pelo uso indiscriminado desses agrotóxicos na cultura do fumo, utilizados para cumprir as normas técnicas exigidas pelas indústrias fumageiras, colocando em risco, muitas vezes, a própria saúde do agricultor e gerando grandes danos ecológicos, devido ao desgaste e contaminação do solo e da água. Um percentual de 13% afirmou que a poluição dos recursos hídricos é um grande problema, devido principalmente ao fato de alguns fabricantes de cachaça largarem nos cursos d'água, sem tratamento adequado, o "garapão", que é um subproduto da fabricação da aguardente. Ao mesmo tempo, 6% optaram pela ausência de saneamento básico e 1% pelo desmatamento. A presença de lixo e queimadas não foram percebidas pelos entrevistados como problemas ambientais da localidade. Constatou-se que os moradores são conscientes sobre a responsabilidade de preservar o meio ambiente, porém evidencia-se pouca preocupação com a degradação dos ecossistemas, causada pelas atividades humanas.

Na época atual, a ameaça à qualidade de vida exige de cada morador providências para a solução de alguns problemas ambientais, pois certas áreas, pelo fato de os produtores disporem de pequenas extensões de terra, têm utilização intensiva, o que leva ao esgotamento do solo e à erosão. Tais providências somente serão alcançadas por meio do uso racional do espaço geográfico e dos recursos naturais, fato que exige a conscientização de todos, governo e sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise desenvolvida neste trabalho, procurou-se conhecer, analisar e explicar a organização do espaço, bem como as transformações pelas quais passa o meio rural, na localidade de Fontana Freda, Jaguari, RS, levando em consideração as diferentes práticas de atuação na superfície terrestre, quando novas formas de produção foram introduzidas, assim como algumas tradicionais sofreram alterações devido à ação do capital.

A modernização da agricultura, apoiada no uso cada vez mais acentuado de práticas científico-tecnológicas, discriminou produtos e produtores rurais, pois como se pôde notar, aumentou o cultivo dos produtos mais valorizados, enquanto foi insignificante naqueles destinados à alimentação da população. Com isso, prevaleceu a monocultura e a má utilização da terra, gerando um processo ecológico autodestrutivo que causa altos custos sociais.

A crescente especialização das pequenas propriedades rurais em um único produto não garante a subsistência familiar, o que ocorria até poucos anos, quando

a produção era destinada ao sustento familiar e somente o excedente era destinado à venda. Hoje, no entanto, esses produtores veem-se obrigados a se integrarem no mercado capitalista, sem condições de concorrerem com grandes produtores.

A produtividade agrícola da Fontana Freda é relativamente baixa, porque os pequenos produtores, dispendo de escassos recursos financeiros e de terras, muitas vezes, impróprias para a agricultura por serem íngremes, continuam com sua atividade econômica baseada na prática e na pouca especialização técnica. Concorre para essa baixa produtividade, também, a falta de ação do poder público, a fim de proporcionar aos habitantes locais as alternativas de produção adequadas.

Um dos fatores positivos observados foi a conquista da aposentadoria para a mulher rural, o que propiciou melhoria na qualidade de vida dos habitantes, principalmente no quesito conforto, pois, com o benefício da previdência social, muitas casas da localidade estão dotadas de telefone celular, antenas parabólicas, máquinas de lavar roupas e outros aparelhos.

Além disso, observou-se também que, em certas propriedades, pelo fato de essas possuírem pequenas extensões de terra e não terem a consciência da preservação, ocorre a sua utilização permanente, inclusive da água provocando um sério risco de seu esgotamento.

Ainda, com relação às transformações tecnológicas, a maioria dos produtores não dispõe de capital para viabilizar o processo de modernização que a agricultura de hoje exige, o que os mantém pouco competitivos e sofrendo os efeitos da política econômica vigente, caracterizada pela concentração de renda.

Outros trabalhos relacionados às transformações decorrentes da modernização da agricultura poderão ser realizados futuramente, abordando temas que não puderam ser mais aprofundados neste, como o impacto dos defensivos agrícolas sobre os trabalhadores rurais ou a maximização da renda em pequenas áreas aliada à preservação ambiental. Como sugestão, fica uma alternativa de investimento em capacitação do trabalhador rural com a organização de patrulhas agrícolas, em que máquinas modernas poderiam, organizadamente, ser utilizadas por um número maior de produtores rurais. Além disso, o incentivo ao turismo, ressaltando a etnia italiana poderia ser uma boa fonte de aumento de renda para os moradores da Fontana Freda.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LENCIONI, Sandra. A apropriação capitalista do espaço geográfico. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, IV, **Anais...** AGB Associação dos Geógrafos do Brasil. Rio de Janeiro, 1980.

DE DAVID, Cezar. **A estrutura da produção agrícola e as transformações decorrentes da modernização da agricultura no município de São Sepé - RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia). IGCE – UNESP, Rio Claro, 1995.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **25 Anos de economia gaúcha: a agricultura no RS**. 2. ed. Porto Alegre: FEE, 1978, v. 3, p. 146.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARCHIORI, José Newton C. **Esboço histórico de Jaguari**. Santa Maria: Pallotti, 1999.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **O espaço em questão**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. **Revista Território**, v. 2, n. 3, jul./dez., 1997.

TAMBARA, Elomar. **RS: modernização e crise na agricultura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

VALENTE, Valdemar. **A agricultura e organização do espaço – o caso do Chapadão, no município de Jaguari - RS, nos últimos 40 anos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade do Estado de São Paulo Rio Claro, UNESP, 2001.

